

# O PROMETEU

Quarta-feira, 23 de maio de 2018

Diretor: Elsa Silva Morais

## Diversão à parte, é altura de fazer contas

Pág. 2/3



Destaque

**Quem tem ou não acesso a passes gerais gratuitos?**

Pág. 3

Entrevista

**Pedro Sousa: “Hoje em dia as coisas são feitas com um enorme controlo e profissionalismo”**

Pág. 4

## Diversão à parte, é altura de fazer contas

Henrique Ferreira  
e Mafalda Souto

Maio é o mês dos estudantes por excelência. Ainda que com um ligeiro adiantamento, este mês marca o fim do ano letivo para milhares de estudantes do ensino superior. Com ele surgem também as festas académicas, as primeiras para muitos e as últimas para outros tantos, que se preparam agora para largar as cadeiras da universidade rumo ao mercado de trabalho. São mais de 20 as festas académicas espalhadas pelos vários distritos do país e de Bragança ao Algarve são organizadas, anualmente, para proporcionar uma semana de festa aos alunos universitários.

### Mas afinal quanto custa organizar uma semana académica?

O orçamento das várias semanas académicas varia consoante a cidade, os artistas escolhidos e todos os gastos logísticos. Porto, Coimbra e Braga estão à frente na tabela de semanas académicas mais caras do país, com orçamentos entre os 800 mil euros e os dois milhões. Estas cidades são também as que apresentam preços de bilheteira mais elevados, com passes gerais que chegam aos 56€ para sete noites.



Cortejo de Coimbra 2017

Para Bianca Silva, tesoureira da Federação Académica do Porto (FAP), este foi um bom ano para a Queima das Fitas da cidade invicta. “Felizmente, neste ano de 2018, tivemos um reforço de alguns milhares de euros no orçamento para a organização da Queima, o que nos permitiu preocuparmo-nos com outros assuntos, nomeadamente a sustentabilidade ambiental”, afirma. A Queima das Fitas do Porto é atualmente a festa académica com o orçamento mais caro, tendo já ultrapassado os dois milhões de euros em algumas edições, algo que para Bianca Silva “é a prova que o Porto está na linha da frente do ensino superior em Portugal”. O reforço orçamental da Queima das Fitas do Porto permitiu-lhe ser a primeira festa académica, em Portugal, a ter o “Sê-lo Verde”, uma iniciativa do Ministério do ambiente e do Fundo Ambiental. Para

João Pedro Videira, presidente da FAP, a introdução de copos reutilizáveis tem como principal objetivo “promover a adoção de boas práticas ambientais”. O dirigente académico assume a Queima do Porto como o evento ideal para introduzir esta medida. Quem se dirigiu ao “Queimódromo” de Coimbra entre os dias 4 e 11 de maio também teve de beber em copos reutilizáveis. Ao contrário do Porto, esta medida não resultou de um aumento do orçamento da festa académica. A edição de 2018 da Queima das Fitas de Coimbra sofreu um corte de 250 mil euros relativamente ao ano anterior. Orçada em 980 mil euros, a Queima de Coimbra aposta quase sempre em cartazes com nomes internacionais. Ricardo Gonçalves, comissário da Queima das Fitas 2018 e representante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

(FPCEUC) afirma que “Coimbra tem como principal objetivo proporcionar uma grande diversidade musical, apostando no cartaz sempre em primeira instância”. A Associação Académica de Coimbra (AAC) gastou, este ano, 300 000 euros com os artistas convidados, cerca de um terço do orçamento total da festa académica. Para Ricardo Gonçalves este investimento é fundamental e “é preferível fazê-lo em detrimento de outras atividades”. Comissário da Tradição, o aluno de Psicologia, foi um dos impulsores do fim da Garrizada em Coimbra, que segundo o próprio “poupou alguns milhares de euros à organização”. Em Braga, o ano de 2018 também foi de cortes para a organização das festas do Enterro da Gata. O corte de aproximadamente 100 mil euros resultou de uma quebra no contrato de cervejaria celebrado entre a Super Bock e a Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM). Segundo Nuno Reis, presidente da AAUM esta diminuição dos fundos atribuídos pelos patrocinadores “teve algum impacto na construção do cartaz, mas não afetou o preço das bebidas”.

Segundo Nuno Reis “a diminuição do orçamento para o ano de 2018 deveu-se ao necessário esforço para a manutenção do equilíbrio financeiro da estrutura da AAUM”. No entanto, o dirigente académico minhoto afirma que “esta foi mais uma edição de sucesso do Enterro da Gata”. Com um orçamento total anual a rondar os 5 milhões de euros, cerca de 15% destina-se ao Departamento Recreativo, responsável pela organização da semana académica da Universidade do Minho. Pedro Sousa, diretor do Departamento Recreativo, assume que, apesar de tudo, “as bilheteiras renderam de uma forma positiva”, algo que surpreendeu a organização e ajudou à contas finais do Enterro da Gata.

**E nas cidades mais pequenas? Há direito a festa?**

Fora das grandes cidades há quem organize festas académicas por preços mais económicos. Algarve, Leiria, Viseu ou Barcelos são algumas das cidades que também acolhem festivais académicos. Em Barcelos, a organização da Queima do Galo ronda os 95 mil euros e obtêm receitas no valor aproximado de 40 mil. No Algarve, “a mudança do recinto para o centro da cidade fez com que houvesse um grande aumento do número de participantes de diferentes taxas etárias”, afirma Pedro Ornelas, presidente da Associação Académica da Universidade do Algarve (AAUAlg), em declarações ao jornal Sul Informação.



**Quem tem ou não acesso a passes gerais gratuitos?**

É já hábito e acontece em quase todas as festas académicas do país. A atribuição de convites gerais gera polémica entre os participantes. Mas afinal quem tem ou não acesso a passes gerais gratuitos?

Dirigentes, ex-dirigentes, autarcas, colaboradores, membros de grupos culturais e académicos e desportistas, estes são alguns dos que recebem passes gerais para entrar nas festas académicas. No entanto, a maioria das Associações Académicas têm tentado contrariar esta tendência. Em Coimbra, a organização da Queima das Fitas abdicou de quase 500 bilhetes para a comissão organizadora. Entre passes gerais e bilhetes pontuais a Associação Académica da Universidade de Coimbra afirma ter poupado cerca de 10 mil euros com esta redução. Embora este valor não esteja previsto no Orçamento da Queima das Fitas, Ricardo Gonçalves, comissário da Queima afirma que “esta redução foi uma boa ajuda para as contas finais do evento”.

Em Braga, por exemplo, todos os membros de grupos culturais que atuem durante a semana académica têm direito a uma pulseira geral. Na opinião de Márcia Arcipreste, aluna do curso de Ciências da Comunicação na Universidade do Minho, “há muita gente que se aproveita dos grupos culturais para obter o convite geral”. A aluna concorda que quem trabalha e atua deva ter esse benefício, mas reforça a ideia de que “muitos só metem lá o nome para depois terem acesso aos bilhetes das festas académicas”.

Entrevista a Pedro Sousa

# Enterro da Gata'18: "Hoje em dia as coisas são feitas com um enorme controlo e profissionalismo"

Sofia Moreira

Diretor do departamento recreativo da AAUM dá destaque positivo às festividades deste ano e aborda os desafios que a equipa enfrentou no processo.

## Como membro da direção da AAUM e com o fim do Enterro da Gata '18, que balanço fazes deste ano?

O balanço, em geral, é muito positivo. Sofremos um grande corte orçamental, mas a bilheteira acabou por, surpreendentemente, render. A nível de ambiente, correu tudo muito bem também. Neste tipo de festas, às vezes estamos à espera de certos imprevistos que podem não ser tão positivos. Apesar de uma ou outra notícia falsa que foi saindo, acabamos por perceber que correu tudo bem a esse nível também.

## Sentes que tem havido uma evolução do evento ao longo dos últimos anos?

É o meu segundo mandato com a AAUM, por isso, a ideia de evolução que posso dar é tanto de dirigente como de participante. Acho que há uma evolução muito grande. Têm-se criado protocolos mais fortes com a associação, então, as coisas são feitas de forma muito profissional. Algo que admira muitos dos meus amigos ou pessoas que são próximas da Associação é que tanto do trabalho seja feito por nós. Antigamente talvez não fosse bem assim, hoje em dia as coisas são feitas com um enorme controlo e profissionalismo.

## Achas que o corte de cerca de 100mil euros no orçamento deste ano restringiu os objetivos iniciais da organização?

Nos objetivos iniciais, talvez. Um artista internacional no cartaz chamaria sempre mais atenção, é aquele "goal" que qualquer académica teria. No entanto, apesar disso, apercebemo-nos de que o cartaz acaba por, talvez, ser o mínimo. Quando as coisas são bem feitas, quando a comunicação é bem feita, tudo acaba por resultar.

## Já foste participante várias vezes e agora estás por trás da organização. Quais as principais diferenças que sentes?

Tenho muitas saudades de ir como participante, não existem preocupações nessa semana. Como dirigente recreativo o cansaço não tem qualquer tipo de comparação. Dormimos mesmo muito pouco e nunca podemos estar incontactáveis. No entanto, há toda uma equipa a trabalhar contigo e para um espírito muito forte de pro-ativismo e companheirismo. Tenho a sorte de ter tido as duas experiências, hoje sou um privilegiado. Sugiro a todos experimentarem um dia, nem que seja como colaboradores da associação, é muito enriquecedor.

## Explica-nos melhor as tuas funções enquanto diretor do departamento recreativo por Braga da AAUM.

Distribuímos tarefas tanto pelos dois diretores como pelo vice-presidente. O trabalho passa por criar parcerias com bares para o rally das tascas, conseguir contratos porreiros com bandas, contactar o Multiusos para preparar a Receção, manter contacto com entidades como a PSP, por exemplo.



Pedro Sousa—AAUM

A nível do Enterro da Gata, a minha função foi preparar tudo o que tinha a ver com as barraquinhas: contratos com as barracas e bares profissionais, os regulamentos, que são coisas que têm de ser vistos de forma minuciosa, e garantir que estas tarefas não falham. Ao longo do evento, as funções são muito variadas, como comprar senhas para as nossas refeições, ir buscar um artista ao hotel, há de tudo um pouco.

## Como é lidar diretamente com os estudantes enquanto responsável pelas barraquinhas?

Comecei como responsável de armazém e há algum contacto com os estudantes, mas é muito curto. Depois dessa primeira experiência, decidi que na Receção ao Caloiro, que é o evento logo a seguir, queria aumentar esse contacto. Logo na primeira reunião, os alunos ficaram com o meu número, ou seja, pelo menos 172 pessoas o tinham e algumas dessas 172 pessoas davam-no a outras. Portanto, o contacto era imenso. Sempre que me perguntavam alguma coisa eu tentava responder a tempo. Sem dúvida que prefiro este estilo assim mais híbrido, mais à toa e sem horários.

## Quais são para ti os maiores desafios deste cargo?

Este ano foi muito especial. Estive a acabar o meu mestrado e a estagiar no primeiro trimestre do ano civil. Para minha surpresa, o meu estágio não acabou aí, continuei. Tive mesmo de encontrar um equilíbrio entre o que é a minha vida profissional agora e o que é a minha vida académica/associativa. Esse foi, provavelmente, o

maior desafio. Cheguei a considerar pedir a demissão na AAUM porque tinha medo de falhar. A verdade é que consegui conciliar tudo. Com esforço, o universo é *fixe* para ti.

## Quando e em que circunstância surgiu o teu interesse pelo associativismo académico?

Apesar de vários convites ao longo da licenciatura, nunca quis fazer parte da AAUM, nem como colaborador. No primeiro ano dizia que não tinha tempo. Hoje olho para trás e penso "se eu não tinha tempo aí, não sei o que estou a fazer agora". Foram três anos a dizer que não, a fazer outras coisas pelo curso. Cheguei ao quarto ano e percebi que ia ter mais tempo porque o meu mestrado é pós-laboral. Podia dar mais a nível profissional e à universidade. Surgiu um encontro ao acaso, no Festival de Outono, com o agora presidente, Nuno Reis. Ele ficou com o meu contacto e passado uns meses fez-me o convite. No ano passado integrei a AAUM e foi a melhor coisa que fiz.

## Fala-nos um pouco do teu percurso académico e de como chegaste até aqui.

Licenciei-me em Estudos Portugueses e Lusófonos aqui, na UM. Adorei, fui delegado durante os três anos e criei boas relações com os professores e as turmas. Foi um curso que me abriu boas portas e contactos. Depois disso, tinha intenção de ir para o Porto ou Lisboa. No entanto, como um dos meus critérios para escolher o mestrado era o estágio, acabei por optar pelo mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de RP e Publicidade. Curiosamente, fui um dos primeiros colocados, sendo eu de outra licenciatura. Hoje cá estou e estou mesmo a gostar da experiência que, infelizmente, está a acabar.

*"Acho que há uma evolução muito grande"*

## Onde te vês daqui a cinco anos?

Há uns tempos era capaz de responder a essa pergunta, agora não faço mesmo ideia. Tanto quero continuar a investir por Braga como, ao mesmo tempo, gostava de passar por

outros sítios. Adorava viver em Barcelona ou Lisboa, mas não sei se vai acontecer. Sei que, para já, vou ficar por Braga, a explorar o que posso fazer por aqui. Daqui a cinco anos respondendo, pode ser?

## O Dinamismo de Pedro Sousa, um dos muitos da AAUM

Pessoa de pessoas e num relacionamento sério com a música, Pedro Sousa ostenta uma vertente dinâmica invejável, trazendo consigo já uma longa caminhada de ofícios e realizações. Veio nascer a Braga, mas cresceu em Arcos de Valdevez, regressando à cidade bracarense para se licenciar em Estudos Portugueses e Lusófonos, na Universidade do Minho. Nasceu no dia de S. João, há quase 23 anos, e há dois que desempenha funções no departamento recreativo da Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM). Tem ideias de, um dia, viver em Barcelona ou Lisboa, mas por agora encontra-se focado em terminar o seu mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente de RP e Publicidade. "Apercebi-me que já andava nesta vida de RP há mais tempo do que tinha noção", afirmou o jovem. Atualmente, trabalha como assessor de comunicação do Espalha-Factos e agente na discográfica *Cosmic Burger*. Após o seu estágio curricular no Gnracion, Pedro Sousa recebeu um convite (que aceitou) para desempenhar funções profissionais no departamento de produção de eventos e comunicação do espaço bracarense. Festivaleiro profissional e entusiasta da natureza, diz que gosta de viver a vida e de estar rodeado por pessoas. Apesar da carga de trabalho que acarreta, Pedro diz-se feliz com as suas escolhas, mostrando-se motivado com o futuro.